

O JOGO DA DIREITA E A NOVA GEOGRAFIA DO CAPITALISMO

THE RIGHT GAME AND THE NEW
GEOGRAPHY OF CAPITALISM

EL JUEGO DE LA DERECHA Y LA
NUEVA GEOGRAFÍA DEL CAPITALISMO

Zeno Soares Crocetti¹

 0000-0003-0608-5079

geocrocetti@gmail.com

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território. Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil. Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos Ignácio Rangel (NEIR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5079>. E-mail: geocrocetti@gmail.com.

Artigo recebido em junho de 2023 e aceito para publicação em dezembro de 2023.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: A polarização pós-II Guerra deu origem a conflitos e tensões anteriormente contidos. Em 1989, Francis Fukuyama sugeriu o “fim da História” após a queda do Muro de Berlim, prevendo um mundo pós-Guerra Fria com triunfo dos valores do capitalismo. No entanto, houve desconexão da máquina de guerra dos EUA com a Rússia nos anos 1990-2008. E com a ascensão da China, a Guerra Fria foi retomada pelos EUA, especialmente durante o governo de Trump, envolvendo a China e usando a Rússia como pretexto. A extrema direita financiou extremistas através da Atlas Network, que se associou a organizações ultraliberais, como o ILISP e MBL no Brasil. A Atlas Network promove concepções da direita ultraliberal globalmente. O processo de globalização é analisado como perverso e utópico, influenciando narrativas na América Latina. O estágio atual do capitalismo explora os países periféricos, resultando em protestos antiglobalização. O Fórum Econômico Mundial e o imperialismo promovem uma metanarrativa, incluindo o *Grande Reset* e outras propostas, que são vistas como manipuladoras e enganosas.

Palavras-chave: Geopolítica. Globalização. Ultraliberalismo. Guerra híbrida. Geografia econômica.

ABSTRACT: Post-World War II polarization gave rise to previously contained conflicts and tensions. In 1989, Francis Fukuyama suggested the “end of history” after the fall of the Berlin Wall, predicting a post-Cold War world with the triumph of capitalist values. However, there was disconnection of the US war machine with Russia in the years 1990-2008. With the rise of China, the Cold War was resumed by the US, especially during the Trump administration, involving China and using Russia as a pretext. The far right financed extremists through the Atlas Network, which partnered with ultraliberal organizations such as ILISP and MBL in Brazil. The Atlas Network promotes ultraliberal right-wing views globally. The process of globalization is analyzed as perverse and utopian, influencing narratives in Latin America. The current stage of capitalism exploits peripheral countries, resulting in anti-globalization protests. The World Economic Forum and imperialism promote a metanarrative, including the *Great Reset* and other proposals, that are seen as manipulative and deceptive.

Keywords: Geopolitics. Globalization. Ultraliberalism. Hybrid warfare. Economic Geography.

RESUMEN: La polarización posterior a la Segunda Guerra Mundial dio lugar a conflictos y tensiones previamente contenidos. En 1989, Francis Fukuyama sugirió el “fin de la historia” tras la caída del Muro de Berlín, prediciendo un mundo posterior a la Guerra Fría con el triunfo de los valores capitalistas. Sin embargo, hubo desconexión de la maquinaria de guerra estadounidense con Rusia en los años 1990-2008. Con el ascenso de China, la Guerra Fría fue retomada por Estados Unidos, especialmente durante la administración Trump, involucrando a China y utilizando a Rusia como pretexto. La extrema derecha

financió a los extremistas a través de la Red Atlas, que se asoció con organizaciones ultraliberales como ILISP y MBL en Brasil. La Red Atlas promueve puntos de vista de derecha ultraliberales a nivel mundial. El proceso de globalización se analiza como perverso y utópico, lo que influye en las narrativas de América Latina. La etapa actual del capitalismo explota a los países periféricos, lo que resulta en protestas antiglobalización. El Foro Económico Mundial y el imperialismo promueven una metanarrativa, que incluye el *Gran Reinicio* y otras propuestas, que se consideran manipuladoras y engañosas.

Palabras clave: Geopolítica. Globalización. Ultraliberalismo. Guerra híbrida. Geografía económica.

INTRODUÇÃO

“Só pessoas infantis imaginam que o mundo é o que pensamos que ele é.”

C.G. Jung, *Psicologia Analítica*.

“A mais perigosa de todas as ilusões é a de que há apenas uma realidade.”

Paul Watzlawick, *How Real is Real ?*

O Estado paralelo (*Deep State*) organizado pela burguesia aristocrata dos EUA, teve início com o governo de Richard Nixon (1969/74). Essa categoria foi chamada por Hanna Arendt de *emancipação política da burguesia* e se constituiu no processo de organização da direita radical no EUA. Os lobistas Black, Manafort & Stone foram um grupo de profissionais de *lobby* e consultores políticos que se tornaram proeminentes durante a década de 1980/1990 nos Estados Unidos. O grupo foi formado por Roger Stone, Paul Manafort e Charles R. Black Jr., que trabalharam juntos em várias campanhas políticas e projetos de *lobby* ao longo dos anos.

O grupo político de extrema-direita transformou seu negócio em algo sem precedentes: uma empresa bipartidária que influenciava a eleição de políticos, às vezes apoiando ambos os lados da corrida e, posteriormente, exercendo pressão sobre esses parlamentares. Embora tenham sido rotulados como radicais, disruptivos e frequentemente criticados por suas práticas éticas duvidosas na época, eles não criaram o problema; em vez disso, desenvolveram uma abordagem inovadora para lidar com ele. Eles desempenharam o papel de intermediários entre lobistas e grupos de *lobby*, mostrando uma notável indiferença em relação a conflitos de interesses.

Eles ganharam o apelido de *O Lobby dos Torturadores* e lucraram consideravelmente ao operar nos limites do sistema capitalista. Trabalharam para déspotas e tiranos, recebendo subornos e doações de ditadores para apoiar candidatos republicanos. Eles adaptaram as regras conforme seria necessário para beneficiar sua empresa.

Além disso, eles fundaram o extremista Comitê de Ação Política Conservadora Nacional. Mais recentemente, apresentaram o então candidato Trump ao submundo dos entusiastas da conspiração da internet e ativistas de extrema direita. Fizeram isso

ao conectar Trump a Alex Jones, que tinha uma grande base de seguidores digitais e se especializava em disseminar histórias e notícias absurdamente falsas, bem como em estratégias de campanha. Apesar de sua reputação de jogador sujo, Roger Stone desempenhou um papel crucial nesse processo.

Após a reeleição de Reagan em 1984, a empresa acrescentou Peter Kelly, ex-presidente de finanças do Comitê Nacional Democrata, como sócio nomeado. Essa adição foi vista como um marco na história da empresa, em 1996 criaram a BKSH & Associates, com a incorporação de Peter G. Kelly, que passou a ser conhecida como Black, Manafort, Stone & Kelly e se tornou a primeira loja de lobby bipartidária na cidade.

Em geopolítica conhecemos esse processo como *guerra híbrida*, modelo que foi usado contra os árabes para destruir a revolução da *Primavera Árabe*, ou no Brasil, com as *Jornadas de Junho de 2013*, movimento local que ocorreu em São Paulo e foi usado pela CIA em associação com a extrema-direita dos EUA, infiltrando grupos paramilitares pagos para fazer distúrbios e destruir o patrimônio público e privado, os chamados *Black Bloc*, o que foi replicado em várias cidades brasileiras nas 5 regiões, acrescentando a pauta do *impeachment* da Dilma. Desse processo saíram os grupos organizados pela extrema-direita como MBL, Vem Pra Rua, Revoltados Online etc.

Essas ações de manifestações gestaram a Operação Lava Jato, cavalo de Troia para capitular o Brasil e destruir a economia e possibilitar a construção de um parlamento (Câmara e Senado) com orientação da direita e extrema-direita, fato que ocorreu no Brasil inteiro, com a chegada de extremistas nas câmaras, assembleias, prefeitura e governos.

Esses grupos se inspiraram no pós-modernista Jean-François Lyotard, que definiu o pós-moderno como “a incredulidade em relação às metanarrativas”, desqualificando as utopias libertárias que acreditam que um outro mundo é possível. Jogavam pesado na perda de nossas crenças em visões totalizantes da história, que prescreviam regras de conduta política e ética para toda a humanidade. Isso negava o conceito incrível de Sartre do “prático inerte”, negava a possibilidade da sociedade em sua luta cotidiana de explorar as relações entre a consciência humana e o mundo ao seu redor e negava o direito de os seres humanos projetarem significado e valor sobre os objetos inanimados, conferindo-lhes um “novo” sentido dentro do contexto de suas próprias intenções e desejos.

Esse processo cria uma dinâmica complexa entre a *subjetividade humana* e o *mundo objetivo*. Lyotard acreditava no engodo de consensos provisórios e parciais, que seriam legitimados por um saber de aspecto mais criativo, digamos assim, em uma infinidade de informações que bombardeiam a todo instante nossos sentidos até nos convencer de sua legitimidade, usando para isso, além da mídia de massa convencional, as redes sociais e a internet até nossa adesão à falácia que foi proposta.

O ESTADO PARALELO DO IMPÉRIO

Introdução

Na década de 1980 e início dos anos 1990, a combinação de uma crise econômica, o colapso do bloco soviético e o surgimento de nacionalismos nas áreas vizinhas da União Soviética desencadearam várias tentativas de golpes, culminando no golpe de agosto de 1991, no qual os opositores foram derrotados, rompendo o equilíbrio de poder existente e levando à dissolução das forças que apoiavam Gorbachev. Nos últimos meses de 1991, a União Soviética se desintegrou, marcando o fim da URSS.

O período pós-comunismo na Europa Oriental e na antiga União Soviética revelou uma crise generalizada nos Estados. A tumultuada transição da economia estatal planejada para uma economia de mercado capitalista resultou na desorganização das antigas estruturas produtivas, desindustrialização e um aumento crônico do desemprego. A liberalização dos preços e a remoção das barreiras comerciais protecionistas desencadearam surtos inflacionários, levando à perda significativa do poder de compra dos salários e à drástica desvalorização das economias pessoais.

Nesse contexto econômico, os nacionalismos étnicos floresceram. Em toda a Europa Oriental e nas antigas regiões da União Soviética, surgiram movimentos separatistas de diversas comunidades étnicas e culturais. Por exemplo, o caso da Tchetchênia, que teve início no final de 1994 e persistiu sem resolução por anos.

O colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria deram origem a uma Nova Ordem Mundial, caracterizada pela multipolarização, significando uma nova reorganização geopolítica global que substituiu o antigo sistema de divisão em blocos do mundo bipolar. A Alemanha reunificada atuou como uma ponte entre duas partes da Europa: a Comunidade Europeia, hoje União Europeia (UE), a oeste, e as economias em transição a leste. Isso também abriu espaço para o surgimento de grupos extremistas de extrema-direita, movimentos xenófobos e o crescimento de sentimentos racistas.

A crise nos Estados Unidos

Apesar de ainda liderarem em termos de desenvolvimento científico e inovação tecnológica, os Estados Unidos perderam terreno na área de engenharia de produção, especialmente em relação a países asiáticos que demonstraram maior agilidade na incorporação de avanços técnicos à produção. Isso resultou na redução da competitividade das indústrias estadunidenses em comparação com concorrentes internacionais, incluindo aqueles dentro de seu próprio território, e levou a uma taxa de desemprego que atingiu cerca de 12% da população economicamente ativa.

DEEP STATE NOS ESTADOS UNIDOS

Deep State (ou *Estado Profundo* em português) é um termo usado para descrever uma situação política em que um órgão interno de um determinado país (como as forças armadas, as agências de inteligência, polícia, partidos ou outros grupos, formais ou informais) passa a não mais responder à liderança democrática e legalmente estabelecida.

É um tipo de governança paralela composta de redes de poder potencialmente secretas e não autorizadas operando independentemente da liderança política de um estado em busca de sua própria agenda e objetivos.

O termo é comumente usado no contexto das guerras híbridas, sugerindo que o governo de determinado país é controlado por agentes externos ou impotente, muitas vezes propondo ações de entidades mais obscuras que as agências existentes.

A extrema-direita é um termo amplo e abrange uma variedade de movimentos, partidos políticos e grupos em todo o mundo. A extrema direita não é homogênea e pode variar significativamente de país para país.

Nos EUA, como já citamos, o centro do imperialismo global, o Estado paralelo (*Deep State*) organizado pela burguesia aristocrata dos EUA teve início como instituição organizada no governo de Richard Nixon (1969/74). Nós já citamos que os lobistas Black, Manafort & Stone foram um grupo de profissionais de *lobby* e consultores políticos que se tornaram proeminentes durante a década de 1970/1990 nos Estados Unidos.

Num esforço intelectual, para trazer o debate para a Geografia, vamos tomar aqui emprestado de Raffestin o conceito de “quadricula de poder” como parte de sua abordagem teórica para entender como o poder e o espaço estão interligados e construir o conceito de *território reticulado*.

A ideia central por trás da quadrícula de poder é que o poder não é uniformemente distribuído em um espaço geográfico, mas é exercido de maneira desigual e hierárquica. Raffestin argumentou que diferentes agentes e instituições têm a capacidade de controlar e influenciar diferentes áreas geográficas de maneiras distintas. Essa distribuição de poder cria uma espécie de *grade* ou *quadricula* sobre o território, onde algumas áreas podem estar sob um maior domínio ou influência do que outras.

Podemos lembrar que o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais; é um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem, como nos ensinou Milton Santos. Construiu o conceito, interpretando assim:

o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem [...] A ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado nacional decorre dessa relação tornada profunda (SANTOS, 2000, p.96-97).

Apresento aqui minha interpretação de *território reticulado*, que se refere à ideia de que os territórios contemporâneos não são mais estruturas geográficas fixas e estáticas, mas sim sistemas dinâmicos e interconectados. O espaço geográfico não é mais definido apenas por fronteiras políticas rígidas, mas é moldado por redes de relações e interações complexas que transcendem essas fronteiras. Trata-se de uma complexidade territorial.

O conceito de território reticulado sugere que a análise do espaço geográfico deve levar em consideração não apenas as fronteiras políticas tradicionais, mas também as redes de influência, fluxos e interações que ocorrem dentro e além dessas fronteiras. Essa abordagem é particularmente relevante em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, onde as relações transfronteiriças desempenham um papel importante nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Como essas redes de relações podem ser de natureza econômica, política, social, cultural, tecnológica e ambiental. Uma leitura atenta mostra que a estrutura de poder do imperialismo vem se utilizando dessas redes em sua guerra híbrida atual. Os territórios são atravessados por essas redes, e a dinâmica dessas interconexões desempenha um papel fundamental na forma como o espaço geográfico é organizado e usado. Não só externamente como aparece na obra de Claude Raffestin, mas hoje principalmente internamente nos países, por meio de corporações empresariais e notadamente por grupos de geopolítica, como os grupos de *lobby* que citamos aqui.

Em resumo, o conceito de *território reticulado* destaca a ideia de que os territórios modernos são caracterizados por redes de relações e interações que transcendem as fronteiras geográficas tradicionais, e que essas redes desempenham um papel fundamental na organização do espaço geográfico, seu uso e na compreensão das relações de poder e influência.

Também em Geografia, para descrever esse processo, usamos o conceito de *organização territorial*, caracterizada pela presença de redes e conexões que interligam diferentes pontos ou lugares. Essas redes podem ser de transporte, comunicação, infraestrutura ou outros tipos de conexões físicas e digitais.

Fazendo uma síntese da pesquisa de Kátia Gerab Baggio (2016), nos EUA, existem 168 unidades da Atlas Network, na Europa e Ásia Central há 134 unidades, e na América Latina existem 79 unidades. Entre os países latino-americanos, a Argentina possui 12 organizações, o Brasil possui 11, e o Chile possui 10. Em seguida, o Peru possui 8; Costa Rica e México possuem 5 cada; e Bolívia, Uruguai e Venezuela possuem 4 cada. Estudantes por la Libertad (EsLibertad) é o ramo latino-americano da organização estadunidense Students For Liberty (SFL), com sede em Washington. No Brasil, há uma organização específica chamada Estudantes Pela Liberdade (EPL), com sede em Belo Horizonte.

A Atlas Network promove anualmente o evento Liberty Forum and Freedom Dinner, que fortalece o movimento mundial pela liberdade, identificando, treinando e apoiando indivíduos com potencial para fundar e desenvolver organizações independentes eficazes que promovam a visão da Atlas Network em todos os países. A Atlas Network é inspirada nas ideias de Friedrich Hayek e Milton Friedman e já foi frequentada por figuras como Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

O sentido da palavra *libertário* utilizado pela Atlas Network não está vinculado historicamente aos movimentos anarquistas ligados à luta dos trabalhadores por direitos e

melhores condições de vida. Em vez disso, está relacionado às concepções econômicas da Escola Austríaca e da Escola Econômica de Chicago, cujo principal expoente foi Milton Friedman, bem como aos *anarcocapitalistas*.

Alejandro Antonio Chafuen, argentino radicado nos Estados Unidos, é o presidente da Atlas Network desde 1991. Chafuen tem ligações com a Opus Dei e é simpatizante do Tea Party, uma tendência ultraliberal-conservadora dentro do Partido Republicano, com visões econômicas ultraliberais e posições conservadoras em relação a questões sociais, religiosas e de costumes.

No Brasil, as onze organizações parceiras da Atlas Network listadas em seu *site* são: Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP), Instituto Liberal (IL) e Instituto Millenium (Imil) no Rio de Janeiro; Instituto de Formação de Líderes - São Paulo (IFL-SP), Instituto Liberal de São Paulo (ILISP) e Instituto Ludwig von Mises Brasil (Mises Brasil) em São Paulo; Estudantes Pela Liberdade (EPL) e Instituto de Formação de Líderes (IFL) em Belo Horizonte; Instituto de Estudos Empresariais (IEE) e Instituto Liberdade (IL-RS) em Porto Alegre; e Instituto Líderes do Amanhã em Vitória (ES). A Rede Liberdade também inclui organizações como o Movimento Endireita Brasil (MEB - São Paulo) e o Movimento Brasil Livre (MBL).

O Instituto de Estudos Empresariais, sediado em Porto Alegre, foi estabelecido em 1984 e é responsável por realizar o Fórum da Liberdade anualmente desde 1988. O evento conta com o patrocínio de várias empresas, incluindo o Grupo Gerdau, que também patrocina o Instituto Millenium, e o grupo de mídia RBS, entre outros. Além disso, o Instituto possui uma parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde o Fórum da Liberdade é realizado no Centro de Eventos da universidade.

Na 29ª edição do Fórum, ocorrida em abril de 2016 no Centro de Eventos PUCRS (CEPUC), o tema escolhido foi “Quem move o mundo?”, inspirado no romance *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand. O Instituto Millenium conta com patrocínio de grupos como Abril e RBS, afiliado à Rede Globo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. O Grupo Estado, responsável pelo jornal *O Estado de São Paulo*, também foi listado como mantenedor e parceiro do Instituto Millenium até 2016.

Entre os integrantes da “Câmara de Mantenedores” estão nomes como João Roberto Marinho (Grupo Globo) e Nelson Sirotsky (Grupo RBS). Além disso, há empresários do setor financeiro, como Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central entre 1999 e 2002 durante o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, e outros empresários de diversos setores da economia.

É importante ressaltar que alguns nomes que apareciam como “especialistas” do Instituto Millenium em 2016 não constam mais na lista de fevereiro de 2017. Entre esses nomes estão Carlos Alberto Sardenberg, Demétrio Magnoli, Denis Rosenfield e Marco Antonio Villa, que eram frequentemente vistos na mídia. A lista de “especialistas” atual inclui nomes como o economista Rodrigo Constantino e Hélio Beltrão, fundador e presidente do Mises Brasil.

Hoje esses *lobbies* de oportunistas na aristocracia burguesa dos EUA trabalham em ações de ajustes da política externa dos Estados Unidos, em países aliados e sob

intervenção e convertidos a aliados. Ou seja, não importa sua matriz ideológica ou política: se estiver com os EUA, eles aceitam o dinheiro. Essa escória também é conhecida como *lobby para ditadores*, a favor dos EUA, contra a China, Rússia.

GUERRA HÍBRIDA

O Mérito Supremo consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar.
(Sun Tzu, Filósofo e estrategista militar chinês, 2000 a.C.)

Um dos principais fenômenos contemporâneos está profundamente ligado à geopolítica militar global e trata-se das *guerras híbridas*. Esse conceito envolve a habilidade de desestabilizar nações por meio de estratégias nas quais a intervenção militar é secundária e cede lugar a ondas de insatisfação difusa. Isso pode ser exemplificado pelas chamadas Revoluções Coloridas no Oriente Médio, em que estruturas governamentais e estatais foram desmanteladas por influências externas, sem a necessidade de forças armadas invasoras.

Drew Westen, baseado nos estudos de George Lakoff, resumiu a evolução da abordagem das emoções e do inconsciente na psicologia e nos estudos recentes da neurociência e também condensou o espaço que esses tópicos ocupam nas principais teorias dos séculos XX e XXI que buscam explicar o comportamento político, especialmente no que se refere ao voto. Segundo ele, existem quatro teorias analíticas essenciais:

- A política vista como uma disputa moral;
- O modelo de inteligência afetiva;
- A avaliação das estratégias emocionais nas campanhas políticas; e
- A medição direta das respostas emocionais e inconscientes a estímulos políticos.

A primeira teoria gira em torno das narrativas morais, conforme descritas por Lakoff. Elas compreendem duas partes: a *estrutura dramática da narrativa*, na qual são atribuídos papéis como o herói, o vilão, a vítima e o salvador, e a *estrutura emocional*, que inclui sentimentos como medo, raiva ou alívio. Quando narrativas simples são combinadas para formar narrativas complexas, as texturas emocionais se tornam emocionalmente complexas. Dessa forma, as narrativas acabam se tornando estruturas cerebrais que vivenciamos, reconhecemos em outros e imaginamos, pois utilizamos as mesmas estruturas cerebrais para as três formas de experiência: vivência, reconhecimento e imaginação (LAKOFF, 2009).

As metáforas primárias emergem quando duas experiências distintas se entrelaçam, simultaneamente ativando duas áreas cerebrais distintas. Essas associações ocorrem repetidamente em díades que se estabelecem desde a infância. Por exemplo, a moralidade é frequentemente associada à pureza, enquanto a imoralidade é equiparada à podridão. A moralidade é ligada à força; a imoralidade à fraqueza. A moralidade envolve obediência, ao passo que a imoralidade implica desobediência. Da mesma forma, a moralidade está relacionada à generosidade, enquanto a imoralidade é vinculada ao egoísmo.

Existem inúmeras outras metáforas primárias que moldam nossa compreensão da moralidade, a maioria das quais operam no subconsciente e são moldadas ao longo do tempo, na família e na cultura. Esse pensamento metafórico exerce uma influência substancial sobre o pensamento moral, inclusive no âmbito político, moldando nosso comportamento. O autor argumenta que na sociedade estadunidense, existem duas “morais” distintas: a dos *progressistas*, fundamentada no sentimento de empatia, e a dos *conservadores*, que se baseia no medo. Ele sugere que os políticos progressistas seriam mais eficazes se usassem consistentemente os conceitos do seu sistema moral – empatia, responsabilidade e esperança – em vez de aceitar o quadro de referência dos conservadores, centrado no medo. Esse enquadramento (ou *frame*) precede a política, como ilustrado pela “Guerra ao terror”, que legitimou a invasão do Iraque.

O autor também observa que, nos Estados Unidos, as instituições governamentais são associadas à metáfora da família (“pais fundadores”, “a família americana”). Existem dois modelos familiares principais: o provedor e o autoritário, e cada um possui uma metáfora central de moralidade. No primeiro, a moralidade é vista como cuidado, enquanto no segundo, a moralidade está relacionada à obediência.

Lakoff nos recorda que o biconceitualismo é um fenômeno amplamente difundido. Muitas pessoas abrigam em si visões de mundo progressistas e conservadoras, aplicadas a diferentes contextos e áreas. Alguém pode adotar uma perspectiva progressista em questões de política doméstica e, ao mesmo tempo, uma visão conservadora em relação à política externa. Pode ser progressista em várias esferas políticas, enquanto mantém valores conservadores na esfera cultural, como no gosto por filmes, novelas e arte em geral. A título de exemplo, uma pesquisa realizada pelo *New York Times*/CBS em 2010, focada nos 18% de americanos que se identificaram como apoiadores do Tea Party, revelou que, embora muitos deles defendessem a redução do tamanho do governo, não desejavam necessariamente a diminuição dos impostos ou o corte de programas sociais, como o Medicare ou o Seguro Social.

Sob essa perspectiva, a competição política, carregada de intensa emotividade, está intrinsecamente ligada à moralidade; trata-se de uma disputa pela supremacia de visões morais. Portanto, o discurso público exerce um impacto significativo nos resultados eleitorais.

Até 2008, segundo Lakoff, os conservadores obtiveram uma vantagem significativa no uso de linguagem, ideias, imagens e símbolos que eram amplamente divulgados na mídia, incluindo programas de entrevistas, rádio e outros meios, promovendo a mentalidade conservadora e suprimindo o pensamento progressista, especialmente entre os eleitores que oscilam entre ambas as visões. Isso teria fortalecido as conexões sinápticas entre neurônios envolvidos no pensamento conservador e enfraquecido as conexões relacionadas ao pensamento progressista.

Outros autores também destacam a importância das metáforas na estruturação de questões e no desencadeamento de sentimentos. Um exemplo notório é Drew Westen (2007). Westen resgata, entre outros casos, a forma como o governo de Ronald Reagan se referia aos esquadrões da morte que combatiam o regime sandinista na Nicarágua.

Em vez de chamá-los de *grupos rebeldes* ou *mesmo terroristas*, eram retratados como “Combatentes da Liberdade”, uma abordagem que claramente influenciava a opinião pública sobre eles.

O autor, escrevendo antes da vitória de Barack Obama, criticava severamente a linguagem política adotada pelos democratas e chegava a propor uma narrativa política persuasiva, com elementos essenciais a serem considerados.

- a estrutura que o nosso cérebro espera de qualquer narrativa, para que possa ser facilmente entendida, contada e recontada;
- protagonistas e antagonistas: definidos claramente os pontos que o partido e o candidato defendem, e o que o partido e o candidato adversário representam;
- uma “moral” clara e subordinada aos valores do partido;
- um conteúdo vívido, memorável e atraente;
- elementos centrais facilmente visualizados ou imaginados, para maximizar sua memória e impacto emocional;
- riqueza de metáforas emocionalmente evocativas, criando e reforçando as analogias intencionais;
- elementos da história contada pelo adversário, reformulando-a com o seu enquadramento;
- a narrativa padrão do partido deveria ser do tipo que os eleitores gostariam de contar a seus filhos – como aquelas ilustradas, nos livros infantis –, clara e atraente, com o lado certo e o lado errado. Uma narrativa que eles desejassem que seus filhos internalizassem.

O principal desafio e justificativa da neuropolítica residem na tentativa de identificar os processos emocionais e cognitivos inconscientes que influenciam as atitudes e comportamentos dos cidadãos. Existe um amplo consenso de que a abordagem mais eficaz para essa busca envolve a medição sob diversas perspectivas. Os dados obtidos demonstram um desempenho superior quando utilizados de forma conjunta, incorporando psicomетria, neuromетria e respostas psiconeurofisiológicas, combinadas com informações oriundas de técnicas tradicionais, como questionários de pesquisas e roteiros de grupos focais que tenham sido adaptados para se harmonizar com as outras metodologias. Dessa forma, busca-se uma abordagem holística, que ofereça uma visão completa do indivíduo em seu contexto biopsicossociocultural. Naturalmente, esse esforço deve ser acompanhado de prudência, reconhecendo as limitações inerentes a essa área emergente e evitando quedas na armadilha da “neuromitologia”.

No entanto, é importante destacar que a cautela não deve desestimular pesquisadores acadêmicos ou profissionais de *marketing* político de embarcarem nessa jornada. Afinal, para avançar nesse campo, a exploração do cérebro do cidadão se apresenta como um convite irresistível.

De acordo com Korybko (2018), a Guerra Híbrida é uma estratégia que busca administrar o caos, visando principalmente à geração de caos sistêmico em uma nação, região ou continente, quando necessário.

Em 2012, o Conselho de Inteligência Nacional dos EUA indicou que o país estava “pela primeira vez entre iguais”, inserindo-se em um mundo multipolar que tornava

desafiador o uso do unilateralismo agressivo comum. Isso impulsionou a promoção das *lideranças veladas* como parte da estratégia militar estadunidense.

O ex-presidente Barack Obama institucionalizou esse modelo de liderança velada em seu discurso em West Point em maio de 2014, ao afirmar enfaticamente que “os EUA devem liderar no cenário mundial, mas a ação militar dos EUA não pode ser o único, ou sequer o principal componente da nossa liderança em todas as ocasiões”. Ele acrescentou que “Só porque temos o melhor martelo não significa que todo o problema é um prego”. Isso refletiu a adaptação dos Estados Unidos à nova realidade de um mundo multipolar.

Nesse contexto, de acordo com Andrew, os estrategistas geopolíticos norte-americanos consideram as ONGs como organizações de vanguarda, usadas para garantir os interesses das “energias geoestratégicas” globais.

Assim, a ideia da “dominação do espectro total”, que busca ser persuasiva na paz, decisiva na guerra e proeminente em qualquer forma de conflito, é a espinha dorsal das chamadas *revoluções coloridas*. Essas revoluções se baseiam em técnicas psicológicas, ideológicas e de informação para conquistar “ativistas sociais” naquilo que é denominado como *dominação caótica*.

Bernays acreditava que um pequeno grupo de pessoas, em grande parte invisíveis, poderia influenciar e moldar o pensamento das massas. Ele argumentava que se compreendêssemos o mecanismo e os motivos da mente coletiva, seria possível controlar as massas de acordo com nossa vontade, sem que elas percebessem. Essa abordagem lembra, em parte, os conceitos utilizados pelos nazistas.

Atualmente, essa orientação tem sido amplamente aplicada nas mídias e redes sociais, em escala global, por arquitetos de revoluções coloridas e guerras híbridas.

Andrew também menciona estudos secretos recentes nos EUA, que demonstram a realização de experimentos psicológicos em mais de meio milhão de usuários de redes sociais para entender como os estados emocionais são transmitidos por plataformas digitais. O Pentágono investe milhões de dólares em pesquisas semelhantes para o seu programa Iniciativa de Pesquisa Minerva do Pentágono, que busca aprimorar a compreensão do que chamam de “Enxames sociais e mente de colmeia” nas redes sociais. Esse fenômeno é considerado o manual de campo das revoluções coloridas, e seu principal inspirador é Gene Sharp, conhecido como o *Maquiavel da não Violência*.

Segundo Andrew Korybko, as revoluções coloridas são fabricadas por meio da complexa interação entre diversos fatores, que podem ser subdivididos em diferentes categorias de infraestrutura primária, incluindo ideologia, financiamento, sociedade, treinamento, informação e mídia.

Os principais fomentadores das Guerras Híbridas são os Estados Unidos, particularmente hoje, quando as agressões militares precisam ser repensadas dez vezes, já que o atual mundo multipolar impede que a grande nação do Norte se utilize da sua famosa política do Grande Porrete, Big Stick, indiscriminadamente.

Apesar de irreversível, a revolução tecnológica nos meios de comunicação não é neutra. Como qualquer grande acontecimento da humanidade, as mídias globais, as

redes sociais, e outros excepcionais instrumentos de comunicação atuais encontram-se associados aos interesses predominantes dos Estados Unidos na geopolítica mundial.

Não é sem razão que o maior especulador global, George Soros, vem atuando há décadas na desestabilização de várias nações. Recentemente ele lançou uma espécie de manifesto em defesa da democracia contra o que chamou de “emergência do surto popular nacionalista mundial”, como se houvesse alguma nação ou Estado verdadeiramente soberano que atuasse no teatro global, no tabuleiro de xadrez internacional, sem a primazia dos seus interesses nacionais econômicos, comerciais ou geopolíticos.

A fundação Open Society dirigida por George Soros tem marcado importante presença no Brasil, prestigiando e financiando movimentos e lideranças adeptas do identitarismo e do multiculturalismo.

Ele é um dos principais mentores das chamadas *agendas identitárias* e procura influenciar a opinião pública com uma pauta diversionista, visando sua fragmentação *ad infinitum*, de um contra todos e todos contra qualquer um. Em 2019, no encontro realizado pelo Instituto Futuro, centro de estudos avançados da UFPE, foi debatido o seguinte tema: Guerras Híbridas e a América Latina na Nova Ordem Mundial. Nesse encontro, foi aprofundado o debate sobre o financiamento e o treinamento de ativistas para se infiltrar e implodir os movimentos sociais organizados, criando células da extrema-direita.

Vivemos sob a perspectiva fascista hoje? Eco (2021), que cresceu sob o regime fascista italiano de Mussolini, afirma que o fascismo moderno não é imposto, mas eleito com base em medos e mentiras, e se caracteriza por ser um movimento:

- de tendências autoritárias, resistência ao pensamento moderno, não aceita críticas, medo das diferenças;
- que consegue unir poder político, exército e igreja, culto às tradições;
- que impõe um sistema educacional que controla o que é ensinado e limita o pensamento crítico;
- que promove um sistema de valores sociais que exalta a violência e o livre mercado.

Como já sabemos, a história não se repete, foi Marx quem explicou, nas primeiras linhas de *O 18 Brumário*, qualificando uma observação de Hegel (de que “todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes”). Na interpretação de Marx, a dialética histórica, a história se repete, todavia o que antes era tragédia, agora aparece como farsa!

A reestruturação do sistema capitalista durante a pandemia de coronavírus é um tema que não pretendemos esgotar; pelo contrário, nossa intenção é oferecer uma análise instrumental dos acontecimentos atuais e destacar algumas tendências. Em primeiro lugar, observamos o declínio da globalização conforme a conhecemos, especialmente devido ao aumento das tensões entre os Estados Unidos, China e Rússia. Essas duas últimas potências estão cada vez mais alinhadas em termos geopolíticos, e a incapacidade de os Estados Unidos liderarem o combate mundial à pandemia e o fracasso interno indicam uma nova globalização mais centrada na China. A recusa do EUA de enviar recursos

financeiros à Organização Mundial da Saúde/OMS, o BREXIT, recentemente, e a guerra comercial entre China e EUA são algumas evidências do enfraquecimento das instituições supranacionais e de comércio mundial.

Esses estudos têm contribuído para o avanço do conhecimento em diversas áreas – afora as conquistas abertas à neurologia, à psiquiatria e mesmo à psicanálise –, emprestando base à neuroeconomia, ao *neuromarketing* e ao que podemos chamar de *neuropolítica*.

NOVA GEOGRAFIA DO CAPITALISMO

Introdução

Para se interpretar o mundo no século XXI, é preciso levar em conta diversas variáveis e cenários, o que depende muito do objetivo, da intenção, do propósito e principalmente do interesse. A indústria vem passando por transformações em que o modelo econômico globalizado deu as cartas – sob o signo da cibernética, da automação, das tecnologias revolucionárias –, o trabalhador virou supérfluo e foi condenado a passar da exclusão social à eliminação total. Hoje, nos tempos das transnacionais, do ultraneoliberalismo absoluto, da desglobalização, da mundialização da virtualidade (que significa o que existe em potência e não em ato, ou seja, o que não é real, uma simulação, uma cópia), o *trabalho* vem ganhando novos significados, embora para alguns seja um conceito obsoleto, um parasita sem utilidade.

O desemprego invade hoje todos os níveis de todas as classes sociais, acarretando miséria, insegurança, sentimento de vergonha, em razão essencialmente dos descaminhos de uma sociedade que o considera uma exceção à regra geral estabelecida para sempre; uma sociedade que pretende seguir seu caminho por uma via que não existe mais em vez de procurar outras alternativas.

A importância de se manterem as indústrias funcionando e gerando emprego é tal que os países e as regiões industrializadas assumem posição de destaque em relação ao desenvolvimento, fazendo com que aqueles países e regiões que não puderam se industrializar ou manter suas indústrias fiquem na total dependência e subserviência aos países industrializados.

No período compreendido entre o final do século XX e os dias atuais (1998 a 2022), houve um fenômeno denominado *desglobalização*. Durante esse período, a zona do euro e outros países de alta renda, incluindo os Estados Unidos, tiveram crescimento lento, enquanto o Japão também apresentou um crescimento modesto. Notavelmente, a economia dos EUA cresceu apenas 2,09 vezes desde 1989, e desde 2001, o país tem enfrentado desafios tanto políticos quanto econômicos.

1998	Corporação	Faturamento Bilhões US	Capital
1	G M Corporation	178,174	EUA
2	Ford Company	169,785	EUA
3	Mitsui & Co., Ltda.	142,688	JAPÃO
4	Mitsubishi Corporation	128,922	JAPÃO
5	Royal Dutch/Shell Group	128,142	RU
6	Itochu Corporation	126,632	JAPÃO
7	Exxon Corporation	122,379	EUA
8	Wal-Mart Stores	119,299	EUA
9	Marubeni Corporation	111,121	JAPÃO
10	Sumitomo Corporation	102,395	JAPÃO

Fonte: Fortune Global 500 (2023).

Figura 1. FORTUNE GLOBAL 500 — 1998.

Nesse contexto, a China emergiu como uma potência econômica exponencial, superando os EUA em termos de crescimento econômico, como evidenciado pelos dados divulgados pela *Fortune Global 500*. Empresas listadas nesse *ranking* registraram receitas totais de 37,8 trilhões de dólares, representando mais de um terço do PIB mundial. Essa cifra representa um aumento significativo de 19% em relação ao ano anterior (ano fiscal 2020) e marcou a maior taxa de crescimento anual em 33 anos de história da lista. Os lucros acumulados também aumentaram substancialmente, alcançando um recorde de 3,1 trilhões de dólares.

As empresas da *Fortune Global 500* empregam cerca de 69,6 milhões de pessoas em todo o mundo e estão sediadas em 229 cidades e 33 países e regiões ao redor do globo. O número de mulheres CEOs nessas empresas aumentou para 24 no ano de 2022, em comparação com 23 no ano anterior.

É notável que a receita agregada das empresas da Grande China (incluindo Taiwan) ultrapassou a receita das empresas dos EUA na lista, representando aproximadamente 31% do total global, com um faturamento de 11,718 trilhões de dólares em 2021.

2022	Corporação	Faturamento (milhões US \$)	Capital
1	Wal-Mart (comércio)	572.754	EUA
2	Amazon.com	469.822	EUA
3	State Grid(energia)	460.617	China
4	China National Petroleum	411.693	China
5	Sinopec	401.314	China
6	Saudi Aramco	400.399	Arábia Saudita
7	Apple	365.817	EUA
8	Volkswagen	295.820	Alemanha
9	China State Construction	293.712	China
10	CVS Health	292.111	EUA

Fonte: Fortune Global 500 (2023).

Figura 2. FORTUNE GLOBAL 500 — 2022.

Scott DeCarlo, editor da lista da *Fortune*, comentou sobre o desempenho em 2022, observando que uma recuperação após a pior fase da pandemia gerou um vento favorável para as maiores empresas do mundo em termos de receita. As vendas e os lucros agregados atingiram níveis recordes no ano fiscal de 2021 para a *Fortune Global 500*. Porém, as empresas enfrentam desafios significativos ao navegar em meio a ventos contrários da economia global em 2022/23, demonstrados pelas Figuras 1 e 2.

Isso mostra como a dinâmica econômica global tem se transformado nos últimos anos, com o crescimento acelerado de países como a China influenciando significativamente o cenário econômico mundial e criando desafios para as economias tradicionais, como a dos EUA.

O FIM DA GEOGRAFIA?

A Geografia só passa a existir à medida que o homem ocupa e transforma o espaço, e passa a demarcar e exercer o domínio de suas fronteiras. Mas hoje, *tecnologia, integração de tecnologias e internacionalização* são palavras-chave que explicam a anulação do espaço e permeabilidade das fronteiras territoriais em todas as escalas, principalmente com as ideias de “convergência dos momentos” e “alargamento dos contextos” de Milton Santos, que desencadeiam no que chamamos de *território reticulado*.

O *alargamento dos contextos* refere-se à ideia de que, em um mundo globalizado e interconectado, os contextos locais e regionais estão constantemente se expandindo e se entrelaçando com outros contextos distantes. As relações entre lugares e territórios não são mais limitadas pelas fronteiras tradicionais, e as influências e os impactos de eventos em um local podem ser sentidos em escalas globais.

Desafia as noções tradicionais de espaço geográfico e territorialidade, destacando a complexidade das interações entre diferentes lugares e atores em um mundo cada vez mais interdependente. Milton Santos enfatizava a importância de compreender essas dinâmicas globais e locais em uma perspectiva mais ampla, levando em consideração o fluxo de informações, capitais, pessoas e culturas em uma escala global. Aqui tateou a ideia de território reticulado.

A “convergência dos momentos” foi uma ideia-chave para Milton Santos, que está intrinsecamente ligada à sua visão crítica da Geografia e da sociedade. Refere-se à convergência de diversas influências, fatores e dinâmicas em um determinado momento e local, que moldam a realidade geográfica e social. Isso antecipa o impacto do *on-line*, conceito que serve para argumentar que, em um determinado contexto geográfico e histórico, vários elementos diferentes se entrelaçam e interagem para criar uma situação única, o que inclui aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, bem como as influências históricas que moldaram o lugar em questão.

Milton Santos enfatizava que a Geografia não pode ser compreendida apenas a partir de uma perspectiva isolada ou segmentada, mas deve ser analisada levando em consideração a complexidade das interações entre todos esses elementos. Além disso, argumentava que a convergência dos momentos é dinâmica e está sempre mudando à medida que novas influências e eventos ocorrem.

O imperialismo dividiu o mundo entre apenas dois blocos: Norte, ou o centro do capitalismo global, e o Sul, ou a periferia do sistema, ou seja o almoxarifado global, reserva de consumo excedente e sustentabilidade de todo o sistema Global:

No Norte, um terço do planeta viverá com todo o conforto e progresso possíveis (incluídos), produzirá e consumirá tudo de que necessita; no Sul, os outros dois terços (excluídos) restantes dos seres humanos serão supérfluos. Não importa se vegetarão na mais esqualida miséria e sem futuro. Serão os “novos” escravos do século XXI?

Esse projeto de divisão do mundo em dois blocos foi aprovado durante um encontro em 1995, entre os *donos do mundo* (grupo conhecido nos meios de comunicação como G-7 ou G-8) que se reuniram em São Francisco, na Califórnia, EUA, e aboliram a soberania dos Estados-nações, anularam as fronteiras e seguem apenas a meta do capital, antiético ou não, episódio conhecido como *o fim da Geografia!*

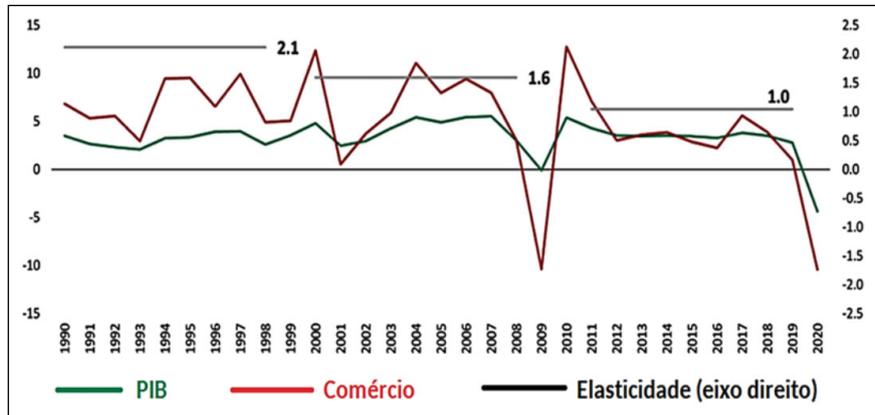
Essa ideia de *anulação do espaço*, de uma maior permeabilidade ocorre em escalas, a saber:

Primeiro, o tamanho do estabelecimento. As instalações físicas das indústrias permanecem, mas o que conta mesmo são os centros de produção tecnológica, os serviços de estratégias, que estudam os mercados, vasculham tudo – cultura, hábitos, sentimentos, paixões etc. Esse estudo detalhado feito nas matrizes dessas empresas globais são eufemisticamente apelidados de *marketing*, sendo o local onde se tomam decisões e se decidem futuros e vidas.

Outra escala importante é a abrangência da empresa, ou seja, em que mercados ela vai operar. Hoje, as empresas são cada vez menos regionais ou nacionais, isto é, tornaram-se *globalizadas*, são corporações transnacionais, têm como cenário de atuação o planeta todo.

Por outro lado, também as alianças comerciais se tornaram comuns e se multiplicam todos os dias.

Essa *mundialização* do espaço da empresa, que vem anulando fronteiras e interferindo na soberania dos países, é um processo que foi possibilitado pelo progresso nas comunicações: por meio da teleinformática, informática assistida por telefonia e satélites, os dados vão de Tóquio a Nova Iorque em segundos. Isso significa que, cada vez mais, o dinheiro muda de mãos virtualmente, em segundos, muitas vezes provocando “quebradeiras” nas bolsas de valores do mundo todo (como ocorreu no final de 1997 e início de 1998, e na crise do *subprime* em 2008/09), quase sempre nos países mais pobres e dependentes desses capitais internacionais.

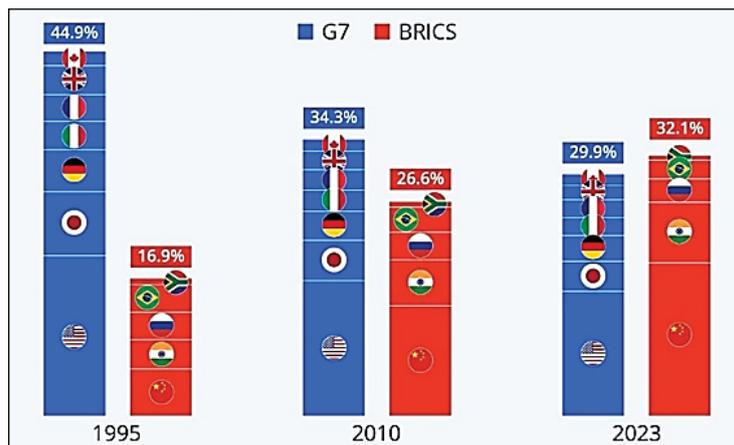


Fonte: CEPAL 2022 com dados FMI 2022, — Elaboração: CROCETTI (2023).

Figura 3. Comércio global 1990-2020 - comércio global e a dinâmica da desglobalização mundo: variação anual do comércio e do PIB, elasticidade % 1990-2020.

Essa “nova Geografia” do capitalismo é um conceito que se refere às mudanças na organização espacial e na distribuição geográfica das atividades econômicas no contexto do sistema capitalista. Essas mudanças estão relacionadas à globalização e à reestruturação produtiva, que resultaram em uma maior interconexão entre os diferentes lugares do mundo e em novas formas de divisão internacional do trabalho.

Nessa nova Geografia, observa-se a emergência de novos polos de desenvolvimento econômico, como os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que têm se destacado como importantes agentes no cenário global. Além disso, há uma maior integração das cadeias produtivas em escala global, com a fragmentação das etapas de produção e a formação de redes de empresas transnacionais. E o BRICS, agora com sua ampliação, ficará mais influente da Geopolítica Global, os países que solicitaram filiação formal ao BRICS foram; Argentina, Turquia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Senegal, Argélia, Etiópia, Irã e Indonésia.



Fonte: Estimativas para 2023, Perspectivas Econômicas Mundiais do FMI 2023.

Figura 4. Participação dos países do G7 e do BRICS no PIB global na paridade do poder de compra.

Essas transformações têm impactos significativos na distribuição de riqueza, poder e desigualdades socioespaciais. Enquanto algumas regiões se beneficiam do novo contexto econômico, outras enfrentam desafios como desindustrialização, desemprego e marginalização.

Em resumo, a nova Geografia do capitalismo refere-se às mudanças na organização espacial das atividades econômicas no contexto da globalização e da reestruturação produtiva, trazendo consigo desafios e oportunidades para diferentes regiões do mundo.

Interpretando a “nova Geografia do capitalismo”, podemos discutir as tendências e os desenvolvimentos na Geografia do capitalismo que têm sido objeto de interesse e pesquisa.

A Geografia do capitalismo refere-se ao estudo de como o capitalismo se manifesta em diferentes locais, regiões e países, e como a Geografia afeta a distribuição de recursos, produção, consumo, e a dinâmica econômica em geral. Alguns dos temas e conceitos associados à Geografia do capitalismo incluem:

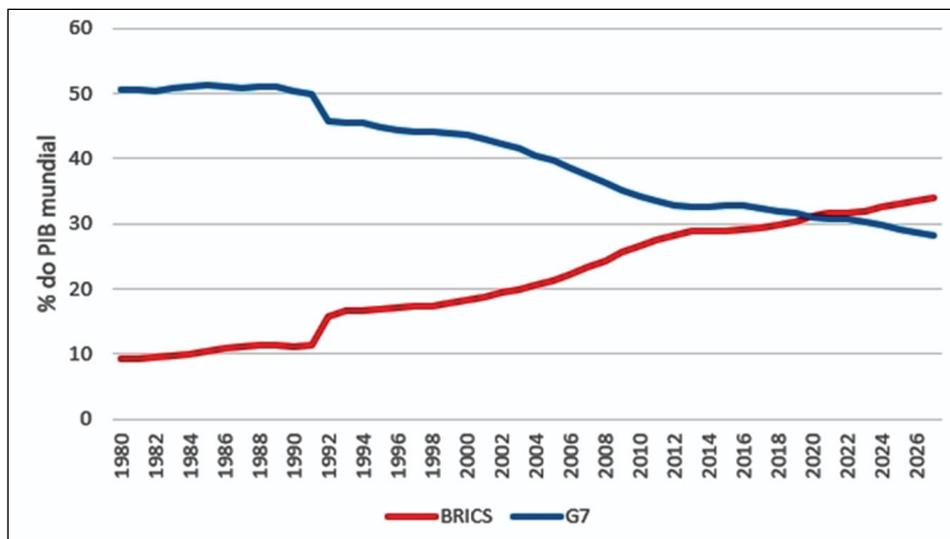
1. Globalização/Desglobalização: a globalização é um fenômeno que tem transformado a Geografia do capitalismo, tornando o mundo mais interconectado em termos de comércio, finanças e produção. Isso resulta na formação de cadeias de suprimentos globais e na mobilidade do capital. A desglobalização processo no qual a interconexão global, a integração econômica e as relações internacionais começam a perder força, enfraquecer ou se reverter. Não representa uma negação completa da globalização. A desglobalização não é necessariamente um processo uniforme e absoluto, em diferentes regiões e setores podem experimentá-la de maneiras variadas. Ela tem desafios e oportunidades, e seus efeitos podem ser sentidos em áreas como comércio internacional, investimento estrangeiro, migração, tecnologia e economia global como um todo. Foi apontada como uma estratégia imperialista dos EUA e das potências ocidentais para discriminar a China e evitar que ela se torne a maior potência econômica mundial e militar. Esse esforço visa diversificar as relações comerciais, afastando-se da dependência excessiva da China e buscando parcerias com outros países e uma deslocalização gradativa da produção e uma mudança nas dinâmicas de poder. Nesse contexto, a *desglobalização* não é uma reversão completa da globalização, mas uma complementação. Observar a Figura 3.

2. Desigualdade regional: a Geografia do capitalismo frequentemente destaca a desigualdade econômica entre diferentes regiões dentro de um país ou entre países. Algumas áreas podem se beneficiar mais do capitalismo do que outras devido a fatores como recursos naturais, infraestrutura, educação e políticas governamentais.

3. Clusters industriais: a concentração geográfica de indústrias relacionadas, conhecida como clusters industriais, é um aspecto importante da Geografia do capitalismo. Esses *clusters* muitas vezes se desenvolvem devido a fatores como a proximidade de fornecedores, mão de obra qualificada e instituições de pesquisa.

4. Zonas econômicas especiais: muitos países estabelecem zonas econômicas especiais (ZEEs) para atrair investimentos estrangeiros e promover o desenvolvimento econômico em áreas específicas. Essas ZEEs têm uma Geografia específica em relação ao capitalismo.

5. Urbanização: o processo de urbanização está intrinsecamente ligado à Geografia do capitalismo, uma vez que as áreas urbanas frequentemente são os principais centros de atividade econômica, comércio e inovação.



Fonte: FMI/WEO (2022).

Figura 5. Percentagem do PIB global do BRICS e do G7 1980-2026.

É importante observar que a Geografia do capitalismo é um campo em constante evolução e pode ser estudada de várias maneiras, dependendo dos interesses e objetivos do pesquisador. Portanto, o conceito de *nova Geografia do capitalismo* pode não ser reconhecido como um termo específico, mas os estudos continuam a analisar as mudanças nas dinâmicas econômicas e geográficas relacionadas ao capitalismo.

A contrarrevolução do grande capital desde a pandemia de 2020, por meio do Fórum Econômico Mundial aliado ao imperialismo, vem construindo uma metanarrativa, ou seja, a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa, primeiro com a ideia do “Grande Reset” 2021, refundar o capitalismo, depois com a proposta de uma metanarrativa “História em um ponto de virada: políticas governamentais e estratégias de negócios” 2022 e agora em 2023 com a “Cooperação em um mundo fragmentado” ou por outras palavras, uma falácia, uma mentira atrás da outra, com força de manipulação.

Em 2020 até 2022, as diversas e sucessivas paralisações das cadeias produtivas e dos canais de distribuição globais impactaram catastróficamente o fornecimento de produtos, componentes, insumos, distribuição, logística, crise de contêineres e, o mais importante, resultado da percepção que as empresas haviam exposto sua extrema vulnerabilidade!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Cristina Taunay Cavalcanti. **O fenômeno Muitas Faces:** estudo comparando a percepção do fenômeno quando utilizamos estímulos de face e cadeira. Dissertação (Mestrado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

AMIM, Samir. **O desenvolvimento desigual:** ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

- BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o *think tank* norteamericano. In: XII Encontro Internacional Da Anphlac. **Anais...**, Campo Grande: 2016.
- CHÂTELET, François. **A filosofia do mundo novo: século XVI ao século XVII**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- CHESNAIS, François. **Finance Capital Today: Corporations and Banks in the Lasting Global Slump**. Leiden: Brill, 2016, 310p.
- COUSIN, M. Victor. **Oeuvres – Sixieme Serie – Discours Politiques**. Paris: Didier, 1851 (1998).
- CROCETTI, Zeno Soares. **A crise do capital e o uso do território**. Curitiba: Letra das Artes, 2019.
- DAMÁSIO, Antonio. **O mistério da consciência**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- EMMANUEL, Arghiri. **A troca desigual**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.
- ESCOBAR, Pablo. China locked in hybrid war with US. **Asia Times**, 17 mar. 2020(a). Disponível em: <<https://asiatimes.com/2020/03/china-locked-in-hybrid-war-with-us/>>. Acesso em: 19 out. 2023.
- FERRARI, Armando. **Étienne de la Boétie no quadro político do século XVI**. São Paulo: Indústria Gráfica Brasileira, 1955.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FRANK, Andre Gunder. **A acumulação mundial**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. São Paulo: Rocco, 1992.
- GEJO, Omar Horacio. **La Cuestión Periférica**. Buenos Aires: Centro de Estudios Alexander von Humboldt, 1997.
- GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1993.
- GOODWIN, Jeff; JASPER, James M. et al. **Rethinking social movements: structure, meaning, and emotion**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- GOYARD-FABRE, Simone. Introduction. In: LA BOÉTIE, Étienne de. **Discours de la servitude volontaire**. Paris: GF Flammarion, 1983.
- GRAHAM, Stephen. **Cidades sitiadas**. O novo urbanismo militar. São Paulo: Boitempo, 2016
- GREEN, André. O Duplo e o Ausente. In: GREEN, André. **O desligamento**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GUÉGUEN, Nicolas. **Psychologie du consommateur**. Paris: Dunod, 2011.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HUISSOUD, Jean-Marc; MUNIER, Frédéric (coord.). **La Guerre Économique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.
- JOHNSON, Chalmers. **As aflições do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KAPLAN, Robert. D. **A vingança da Geografia**. Rio de Janeiro: Campus, 2013.
- KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- KOOPMANS, Ruud; STATHAM, Paul (eds.). **Challenging immigration and ethnic relations politics: comparative European perspectives**, Oxford: Oxford University Press, 2000.

- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária ou o contra um**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press. 1980; 2nd edition, 2002.
- LAKOFF, George, The Neural Theory of Metaphor. **SSRN**, 23 jul. 2009. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=1437794>>. Acesso em: 19 out. 2023. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1437794>
- LAVAREDA, Antonio. **Emoções ocultas e estratégias eleitorais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAZARFELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. **The people's choice**. Nova York, Duell/Sloan and Pearce, 1944 (2006).
- LEDOUX, Joseph. **The emotional brain**. Nova York, Simon & Schuster, 1996.
- LOSURDO, Domenico. **A linguagem do Império**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MAMIGONIAN, Armen. **Ciclos econômicos e organização do espaço**. Florianópolis: EDUFSC, 1998.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed., São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENDONÇA, Duda. **Casos & Coisas**. São Paulo: Globo, 2001.
- MITHEN, Steven. **A Pré-História da mente**. São Paulo: Unesp, 2003.
- MORIN, Edgar. **Os problemas do fim de século**. Lisboa, Portugal: Notícias, 1993.
- NEGRI, Antônio. Rem Koolhaas: Junkspace e metrópole biopolítica. **Radical Philosophy**, n. 154, 2009. Tradução UniNômade BR, 17 set. 2014. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/rem-koolhaas-junkspace-e-metropole-biopolitica/>>. Acesso em: 19 out. 2023.
- NEUMAN, Russell W. et al. "Theorizing Affect's Effects". In: NEUMAN, Russell et al. (eds.). **The affect effect: dynamics of emotion in political thinking and behavior**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- O'NEILL, Jim. Building Better Global Economic BRICs. **Goldman Sachs**, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/buildingbetter.html>>. Acesso em: 19 out. 2023.
- OLIVEIRA, Amaury Porto de. A China constrói uma parceria estratégica com a África. In. **Conferência Nacional De Política Externa E Política Internacional – III CNPEPI**, 2. Rio de Janeiro: 2008
- PATNAIK, Prabhat. A desglobalização está se confirmando? **IDEAS – International Development Economics Association**, 5 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.networkideas.org/news-analysis/2023/06/de-globalisation-occurring/>>. Acesso em: 19 out. 2023. Tradução de JF.
- PERKINS, John. **Novas confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2018.
- POPKIN, Samuel L. **The reasoning voter: communication and persuasion in presidential campaigns**. 2. ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

- RENOUVIN, Pierre; DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Introdução à história das relações internacionais**. São Paulo: DIFEL, 1967.
- ROIG-FRANZIA, Manuel. The Swamp Builders. **The Washington Post**, Nova Iorque, 29 nov. 2018.
- SANTOS, Milton. **Economia espacial**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, P. **Nine lives of neoliberalism** (Nove vidas do neoliberalismo) Londres: Verso, 2020.
- SLOBODIAN, Quinn. **Globalists: the end of empire and the birth of neoliberalism**. Cambridge: Harvard University Press, 2018.
- STEVEN, Johnson. **De cabeça aberta: conhecendo o cérebro para entender a personalidade humana**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2004.
- WESTEN, Drew. **Cérebro político – O papel da emoção na decisão do destino da nação**. São Paulo: Unianchieta, 2008.
- WOOD, Ellen. **Império do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.